

2017

InFover

InfoVer – Informativo sobre o Mercado de Leite de Vaca do Campo
Uma publicação do DCECO- UFSJ

Ano IX Nº 95- Março de 2017

Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ
Campus Tancredo Neves
Avenida Visconde do Rio Preto, s/nº – Colônia do Bengo, São João del-Rei – Minas Gerais – CEP: 36301-360
Tel.: +55 32 3379-2300
www.ufsj.edu.br
Departamento de Ciências Econômicas – DCECO
Tel.: +55 32 3379-2537 – E-mail: inforever@ufsj.edu.br
Coord.: Prof. Dr Renilson Rodrigues da Silva
Vice coord: Prof. Dr. Douglas Marcos Ferreira
Técnico Administrativo: Robson Miranda
Acadêmicos UFSJ : Marina Soares Alves
Tânia Moura



Termos de troca milho, soja e leite

Os preços dos insumos pesquisados pelo DCECO (Departamento de Ciências Econômicas), em Março de 2017, comparados a Fevereiro de 2017, segundo mostra a Tabela 1, apresentaram variações.

Os insumos que apresentaram aumento no seu preço foram o farelo de trigo, com uma alta de 3,03% e o sal mineral, com um expressivo aumento de 27,88%. Em Março 5 itens apresentaram queda sendo, ração para vaca com -7,69%, polpa cítrica com -6,54%, farelo soja com -1,57%, farelo algodão com -9,73% e o milho com queda de -8,11%. A ração para bezerro permaneceu inalterada.

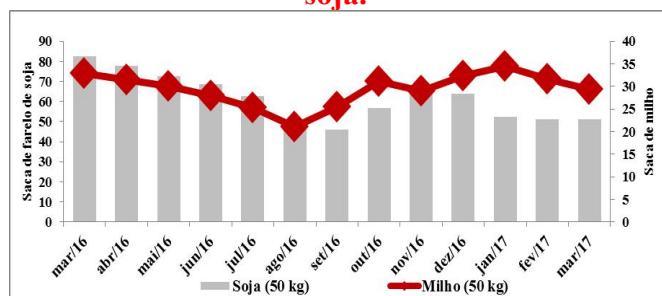
Conforme se pode observar na Tabela 2 e figura 1, no que se refere à relação de troca de soja por litros de leite, em São João del-Rei, verifica-se queda de -0,36% em Março. Isto ocorreu porque o produtor precisou de 51,10 litros de leite para adquirir uma saca de farelo de soja, enquanto que, no mês anterior, esta exigência era de 51,28 litros de leite.

Para a relação de troca entre o milho/litros de leite em São João del-Rei, registra-se uma queda de -6,88%. Isso porque, em Março o produtor precisou trocar 29,45 litros de leite para adquirir uma saca de milho, enquanto que, em Fevereiro de 2017 esta relação era igual a 31,62 litros de leite.

Tabela 2 – Relação de troca milho, soja e leite, São João del-Rei

Mês	Farelo de soja		Milho	
	2017	%*	2017	%*
Jan.	91,74	4,70	38,88L	1,14
Fev.	83,83	-8,52	35,78	-7,56
Mar.	82,75	-1,28	32,90	-8,05
Abr.	78,59	-5,03	31,43	-4,43
Mai.	72,59	-7,75	30,00	-4,56
Jun.	68,59	-5,39	28,00	-6,68
Jul.	62,64	-8,68	25,28	-9,70
Ago.	50,87	-18,79	21,09	-16,57
Set.	46,00	-9,57	25,56	21,17
Out.	56,53	22,88	31,20	22,08
Nov.	66,23	17,94	29,07	6,19
Dez.	63,80	-3,66	32,30	11,11
Jan.	52,38	-17,90	34,48	6,74
Fev.	51,28	-2,09	31,62	-8,29
Mar.	51,10	-0,36	29,45	-6,88

Figura 1 - Litros de leite necessários para adquirir uma saca de milho ou uma saca de soja.



Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - de Estudos e Pesquisa em Núcleo Economia).

Fonte: DCECO/NEPE – (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Nota: *Variação em relação ao mês anterior. ** Litro

Tabela 1 – Preço médio dos insumos agrícolas em São João del-Rei, Março de 2017

Produto	QUANT. (KG)	R\$	Variação em relação ao mês anterior	Produto	Kg	R\$	Variação em relação ao mês anterior
Ração p/vaca	40	60,00	-7,69	Ração bezerro	40	65,00	0,00
Sal mineral	30	65,60	27,88	Farelo soja	50	59,00	-1,67
Farelo de trigo	40	34,00	3,03	Farelo algodão	50	51,00	-9,73
Polpa cítrica	50	50,00	-6,54	Milho	50	34,00	-8,11

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia)

Mercado da bovinocultura leiteira de São João del Rei

De acordo com a Tabela 3, que traz o resultado do levantamento feito pelo Departamento de Ciências Econômicas a respeito dos preços médios dos derivados do leite de São João del-Rei, observam-se que houveram variações nos preços referente ao mês de Março de 2017, quando comparado a Fevereiro de 2017. Sendo que os derivativos que obtiveram variação positiva em seus preços foram: o queijo prato, com alta de 12,54% e o leite longa vida, com 12,55%. Enquanto o queijo Minas Frescal e a Mussarela não apresentaram nenhuma variação.

Tabela 4 – Preço médio do leite Tipo C pasteurizado em São João del-Rei

Mês/Ano	R\$	Var %*
Dez.2015	2,10	0,52
Jan.2016	2,10	0,00
Fev.2016	2,10	0,00
Mar.2016	2,12	0,98
Abr.2016	2,15	1,42
Mai.2016	2,19	1,86
Jun.2016	2,25	2,74
Jul. 2016	2,49	10,67
Ago. 2016	2,69	8,03
Set.2016	2,69	0,00
Out.2016	2,54	-5,58
Nov.2016	2,49	-1,97
Dez.2016	2,39	-4,02
Jan.2017	2,49	4,18
Fev.2017	2,39	-4,02
Mar.2017	2,69	12,55

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Nota: *Variação em relação ao mês anterior.

Tabela 3 – Preço médio por kg dos derivados do leite e do leite longa vida (litro) de São João del-Rei

	2016										2017		
	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.
Mussarela	23,90	25,90	26,90	27,39	32,00	2,81	32,9	31,9	29,90	32,90	27,90	21,90	21,90
Queijo Prato	26,90	27,90	27,90	28,29	29,99	9,70	32,9	28,99	32,9	29,9	34,90	31,90	35,90
Minas Frescal	19,90	22,90	24,90	25,9	28,90	3,77	30,99	24,99	29,99	24,90	24,90	24,90	24,90
Longa Vida	2,12	2,15	2,19	2,25	2,49	8,03	2,69	2,59	2,39	2,39	2,49	2,39	2,69

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Em relação ao preço líquido médio do leite pago ao produtor, segundo (Tabela 5), observaram-se alterações no mês de Fevereiro de 2017. Na média estadual, quando comparado a Fevereiro de 2017, houve um aumento de 1,18%. A região da Zona da Mata apresenta queda de -1,69%, segundo (Tabela 5) e (Figura 3).



Já na média nacional, em Março, registrou-se um aumento de 1,05% no preço pago ao produtor quando comparado a Fevereiro de 2017, registrando novo preço médio do litro de leite em R\$ 1,2326.

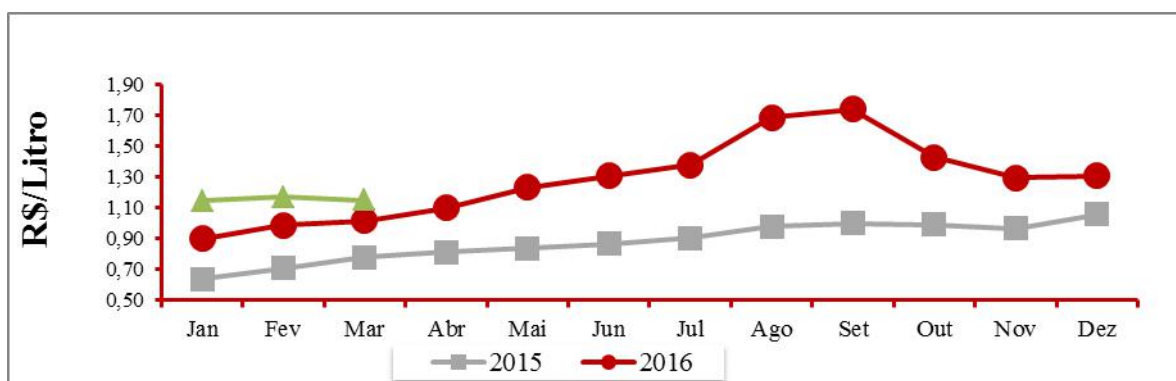
Tabela 5 – Preço líquido do litro de leite, Janeiro de 2017

MESORREGIÃO	PREÇO LÍQUIDO MÉDIO	VARIÇÃO EM RELAÇÃO AO MÊS ANTERIOR (%)
ZONA DA MATA	1,1546	-1,69
MÉDIA ESTADUAL	1,2499	1,18
MÉDIA NACIONAL	1,2326	1,05

Fonte: Cepea (2017). Boletim do leite. Disponível em:

*Nota: Valor deflacionado pelo IGP-DI

Figura 3 – Variação do preço livre pago ao produtor da Zona da Mata deflacionado



Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia)



Para gerenciar é preciso mensurar.

Nayara Magalhães

Estudante de Medicina Veterinária, UFV

Você sabe dizer se o seu manejo de ordenha tem sido eficiente analisando alguns números, facilmente coletados em sua fazenda? Existem informações muito valiosas que podem ser anotadas dentro do fosso e que ajudam muito na interpretação de possíveis medidas a serem tomadas quando necessário, que por consequência refletirá no bolso do produtor. Vamos descobrir quais são esses números e por que devemos nos preocupar em tê-los armazenados.

TAXA DE MASTITE ANUAL

Este número pode servir para comparar as taxas de mastite entre rebanhos, independentemente de seu tamanho, ou até mesmo acompanhar a tendência da mastite no seu próprio rebanho no decorrer dos anos. Como referência, adota-se como o ideal no máximo 30 casos por 100 vacas por ano. Se a taxa de mastite estiver elevada é necessário rever o manejo da propriedade para identificar onde a tomada de decisão deve ser imediata. Quando uma vaca adquire mastite, as perdas vão muito além do leite descartado e medicamentos utilizados no tratamento. Devemos considerar atrasos reprodutivos, perdas de produção inclusive na próxima lactação, diminuição da vida útil do animal, risco de contaminação de animais saudáveis, etc. Desta forma, taxas elevadas de mastite no rebanho estão diretamente relacionados a grandes prejuízos econômicos.

Taxa de Cura

A taxa de cura está relacionada com diversos fatores, como por exemplo, o tipo de patógeno causador, a duração da infecção e o antibiótico utilizado. Estudos mostram que as taxas de cura por exemplo para *Streptococcus uberis* = 89%, enquanto *Streptococcus dysgalactiae* = 69%, *Staphylococcus aureus* = 33% e estafilococos coagulase-negativa = 85%. Casos crônicos de mastite apresentam menor taxa de cura do que casos recentes, sendo assim, a identificação precoce e tratamento imediato é fundamental para um melhor resultado. Muitas vezes o antibiograma da fazenda ajuda na escolha do antibiótico a ser utilizado, entretanto são raras as fazendas que o fazem. Uma alternativa para isso é fazer o acompanhamento no papel, anotando as dosagens e quais antibióticos foram administrados em cada animal, assim como início e fim de cada tratamento. Dessa maneira, as próprias anotações servirão como parâmetro de qual medicamento tem tido uma melhor resposta pelos animais da propriedade.

CBT

A CBT (Contagem Bacteriana Total) ou também conhecida como CPP (Contagem Padrão em Placas) nos diz sobre a higiene do leite, ou seja, do cuidado que os ordenhadores possuem com a limpeza dos tetos das vacas e equipamentos utilizados na ordenha. Diversos são os fatores que podem influenciar na CBT, como por exemplo o uso adequado de detergente alcalino clorado e ácido na higienização dos equipamentos, filtragem do leite antes de colocá-lo no tanque, controle da troca de teteiras, mangueira do leite e do



vácuo, score de limpeza do úbere dos animais, etc. A CBT quando muito elevada compromete a vida útil dos equipamentos de ordenha. Uma sanitização malfeita não destrói todos os microorganismos como deveria, dessa forma algumas bactérias com potencial de formação de biofilmes aderem-se nos equipamentos e formam crostas que reduzem a vida útil das tubulações.

CMT e CCS

O CMT (California Mastitis Test) é uma alternativa barata para nos informar sobre a mastite subclínica no rebanho, que muitas vezes provocam perdas que são despercebidas pelo produtor. No Brasil as perdas por mastite subclínica podem chegar a R\$630,00 vaca/ano. Cada grau de mastite subclínica detectada pelo CMT impacta em perdas de produtividade. Um quarto considerado com reação leve ao reagente, está produzindo 14% a menos do seu potencial produtivo, 25% a menos em casos moderados e 47% a menos em reações acentuadas. Muitos não sabem, mas a mastite subclínica também diminui a vida produtiva da vaca, além de alterar as condições químicas do leite. A CCS (contagem de Células Somáticas) também é um número muito importante para nos dizer sobre a saúde do úbere. Enquanto o CMT é uma análise qualitativa, a CCS individual é quantitativa, ou seja, por meio dela pode-se identificar entre os animais com mastite subclínica, qual a vaca que mais está contribuindo para o aumento da CCS no tanque e desta forma facilita-se a tomada de decisão para com esses animais. Vale ressaltar que qualidade do leite não está apenas relacionado com a bonificação que será recebida quando se produz para um laticínio que paga por qualidade. O importante é

compreender que um leite com qualidade, representa uma vaca saudável, com condições de ser mais produtiva e permanecer no rebanho por mais tempo, isso tudo se traduz em maior rentabilidade para a atividade leiteira.

Fonte: Jornal da Produção de Leite/ Ano XXV- Edição 331, Viçosa MG, fevereiro de 2017.

